

# **Aula 10 – Elementos de Coesão e Coerência Textuais**

Língua Portuguesa p/ TRE PI

Prof. José Maria C. Torres

## Sumário

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| SUMÁRIO .....                                  | 2  |
| DOMÍNIO DOS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL. .... | 3  |
| COESÃO POR REITERAÇÃO .....                    | 5  |
| <i>Repetição</i> .....                         | 5  |
| COESÃO POR SUBSTITUIÇÃO.....                   | 7  |
| <i>Substituição gramatical</i> .....           | 7  |
| <i>Substituição lexical</i> .....              | 9  |
| <i>Elipse</i> .....                            | 9  |
| COESÃO POR CONEXÃO .....                       | 10 |
| COERÊNCIA .....                                | 14 |
| INCOERÊNCIA EXTERNA.....                       | 14 |
| INCOERÊNCIA INTERNA .....                      | 14 |
| QUESTÕES COMENTADAS PELO PROFESSOR.....        | 15 |
| LISTA DE QUESTÕES .....                        | 43 |
| GABARITO .....                                 | 43 |
| RESUMO DIRECIONADO .....                       | 62 |

Olá, meus amigos!

Prontos para mais uma aula?

É com muita satisfação e honra que anuncio a reta final do nosso curso. Foi uma verdadeira batalha, da qual vocês foram vencedores sim, meus amigos!

O assunto aqui tratado já fora contemplado em outros capítulos de forma indireta. Aqui fizemos uma organização dessas ideias esparsas e combinamos uma série de exercícios para fixação do conteúdo.

Falta muito pouco, meus amigos!

Uma excelente última aula a todos! Bom proveito!



[@professorjosemaria](https://www.instagram.com/professorjosemaria)



[t.me/professorjosemaria](https://t.me/professorjosemaria)



[/professorjosemaria](https://www.youtube.com/professorjosemaria)

## Domínio dos mecanismos de coesão textual.

O conceito de **COESÃO** se refere ao modo como as palavras, frases, parágrafos e ideias, presentes em um texto, estão conectados. Podemos associar esse conceito, portanto, ao de conexão e continuidade em um texto.

É importante ressaltar que a continuidade que se instaura pela coesão não é apenas sintática, mas também de sentido, ou seja, é preciso haver no texto uma continuidade semântica, que se expressa, no geral, pelas relações de **REITERAÇÃO (COESÃO REFERENCIAL)** e **CONEXÃO (COESÃO SEQUENCIAL)**.

Essas relações acontecem graças a vários procedimentos que, por sua vez, se desdobram em diferentes recursos.

Vejam, em um quadro a seguir, a distribuição dessas relações, desses procedimentos e desses recursos:

|                          | Relações Textuais | Procedimentos    | Recursos                          |                                  |  |
|--------------------------|-------------------|------------------|-----------------------------------|----------------------------------|--|
| Coesão Textual           | 1. Reiteração     | 1.1 Repetição    | 1.1.1 Repetição propriamente dita |                                  |  |
|                          |                   |                  | 1.1.2 Paráfrase                   |                                  |  |
|                          |                   |                  | 1.1.3 Paralelismo                 |                                  |  |
|                          |                   | 1.2 Substituição | 1.2.1 Substituição Gramatical     | 1.2.1.1 retomada por pronomes    |  |
|                          |                   |                  |                                   | 1.2.1.2 retomada por advérbios   |  |
|                          |                   |                  | 1.2.2 Substituição Lexical        | 1.2.2.1 retomada por sinônimos   |  |
|                          |                   |                  |                                   | 1.2.2.2 retomada por hiperônimos |  |
|                          |                   |                  | 1.2.3 Elipse                      |                                  |  |
|                          |                   | 2. Conexão       | 2.1 Emprego dos Conectivos        | 2.1.1 preposições                |  |
|                          |                   |                  |                                   | 2.1.2 conjunções                 |  |
| 2.1.3 advérbios          |                   |                  |                                   |                                  |  |
| 2.1.4 pronomes relativos |                   |                  |                                   |                                  |  |

## Coesão por reiteração

A reiteração, ou coesão referencial, é a relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo retomados, criando-se um movimento constante de volta aos segmentos prévios, o que assegura continuidade ao texto. Essa relação pode se estabelecer pela repetição ou substituição, conforme detalharemos a seguir:

### Repetição

#### Repetição propriamente dita

Um dos recursos da coesão referencial é a repetição propriamente dita. **Trata-se do último recurso de coesão a ser cogitado. Devemos empregá-la somente quando não há alternativas de substituição ou quando a sua utilização implica um ganho de expressividade não atingido por outro recurso coesivo.**

Exemplos:

*O capitalismo, para muitos artistas, funciona assim: o Estado **paga** tudo. **Paga** a produção do filme, **paga** a construção da sala, **paga** a distribuição da cópia, **paga** o bilhete do espectador.*

Note que a repetição da forma verbal “paga” não é à toa. **Ela visa a dar destaque e expressividade ao texto.**

#### Paráfrase

A paráfrase acontece sempre que recorremos ao procedimento de **voltar a dizer o que já foi dito, porém com outras palavras**, como se quiséssemos traduzir o enunciado, ou explicá-lo melhor.

Exemplos:

*Para uma pessoa obter o título de doutor numa universidade, ela tem de fazer uma grande pesquisa na sua área de conhecimento (...) **E essa pesquisa tem de ser inédita, isto é, precisa trazer alguma contribuição nova àquele campo de estudos.***

***O ato de escrever deve ser visto como uma atividade sociocultural. Ou, dito de outra forma, escreveremos para alguém ler.***

Normalmente, os fragmentos parafrásicos são introduzidos por expressões do tipo **em outras palavras, em outros termos, isto é, ou seja, quer dizer, em suma, em síntese, etc.**

#### Paralelismo

O paralelismo é um recurso ligado à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos, valores semânticos semelhantes e estruturas gramaticais similares.

*Como??? Entendi nada, professor.*

Vamos explicar por meio de exemplos, que fica mais fácil. Vejam a frase a seguir:

**A mãe pediu para a menina ir ao supermercado e que, na volta, passasse na farmácia.**

Se vocês prestaram atenção à frase, perceberam que existe um problema na sua construção. Por quê? Vamos analisá-la.

A oração **para a menina ir ao supermercado** é reduzida de infinitivo; a oração **que, na volta, passasse na farmácia** é uma oração desenvolvida.

Tal estrutura apresenta incorreção, pois orações coordenadas entre si devem apresentar a mesma estrutura gramatical, ou seja, deve haver **paralelismo**.

Veja como fica a frase, respeitando-se o paralelismo:

**CORRECAO:** A mãe pediu para a menina **ir ao supermercado** e, na volta, **passar na farmácia**.

ou

**CORRECAO:** A mãe pediu para a menina **que fosse ao supermercado** e **(que)**, na volta, **passasse na farmácia**.

Uma definição técnica de paralelismo seria:

---

*Segundo as regras da norma culta, não se podem coordenar orações que não comportem constituintes do mesmo tipo.*

---

A grande vantagem do paralelismo é que ele dá clareza à frase ao apresentar estruturas idênticas.

Vejam os exemplos:

**Ricardo estava aborrecido por ter perdido a hora do teste e porque seu pai não o esperou.**

Correção: Ricardo estava aborrecido **por ter perdido a hora do teste** e **por seu pai não tê-lo esperado**.

ou

Correção: Ricardo estava aborrecido **porque perdeu a hora do teste** e **porque seu pai não o esperou**.

**Manda-me notícias de minha prima Isoldina e se meu pai resolveu aquele problema que o atormentava.**

Correção: **Manda-me notícias de minha prima Isoldina** e **descobre se meu pai resolveu aquele problema que o atormentava**.

**Pelo aviso, recomendou-se aos ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.**

Correção: Pelo aviso, recomendou-se aos ministérios **que economizassem energia** e **(que) elaborassem planos para a redução de despesas**.

ou

Correção: Pelo aviso, recomendou-se aos ministérios **economizar energia** e **elaborar planos para redução de despesas**.

**No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.**

Correção: No discurso de posse, mostrou **determinação, segurança, inteligência e ambição.**

ou

Correção: No discurso de posse, mostrou **ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.**

A quebra de paralelismo também pode ocorrer no nível **semântico**, podendo ser usada como um recurso literário ou publicitário visando chamar atenção, dar ênfase. Vejamos alguns exemplos:

**Marcela durante quinze dias e onze contos de reis. (Machado de Assis)**

Aqui temos uma quebra de paralelismo no nível semântico. “Quinze dias” e “onze contos de réis” não estão na mesma esfera semântica. Um indica tempo, período; o outro, valor, preço. Essa quebra de paralelismo enfatiza uma ironia (Marcela não me amou de fato. Somente esteve comigo por dinheiro).

**Fiz duas operações: uma em São Paulo e outra no ouvido. (Anúncio publicitário)**

Aqui temos uma quebra de paralelismo semântico. “Em São Paulo” e “no ouvido” não estão na mesma esfera semântica. Um indica lugar, cidade; o outro, lugar, mas se referindo a uma parte do corpo humano. Essa quebra gera um efeito de humor ao anúncio.

## Coesão por Substituição

### Substituição gramatical

Consiste em substituir palavras anteriormente citadas ou ainda a ser citadas por pronomes ou advérbios. Vejamos alguns exemplos:

Muita e muita gente já **a** desejou. Alguns **a** tiveram. Ao longo da década de 80, **ela** deslumbrou o Brasil desfilando nas passarelas do Rio de Janeiro. Os anônimos que **a** desejaram, é natural, já **a** esqueceram. **Ela** se chama **Josette Armênia de Campos Rodrigues**. No auge de **seu** estrelato, chamava-se Josi Campos. Era uma mulher introspectiva, mas batalhadora e guerreira.

As **convenções gráficas** não são muitas e aprendê-**las** não é difícil. Basta você estar atento a **elas** e consciente de **sua** importância para a qualidade dos textos que escreve. Um dos melhores caminhos para **isso** é observar **seu** uso nos textos bem escritos. As crianças aceitam bem. O problema maior são os pais e professores, **que** têm nojo e acabam transmitindo **isso** para os menores.

**IMPORTANTE**

Alguns conceitos muito importantes para provas de concurso são os de ANAFÓRICOS, CATAFÓRICOS e DÊITICOS.

O que são anafóricos e catafóricos?

**ANAFÓRICOS** são termos (geralmente pronomes ou advérbios) que **retomam elementos já citados em um texto**.

Exemplo:

*André e Paulo são excelentes amigos. **Este** (= Paulo) adora futebol; já **aquele** (= André) e um fanático praticante de basquete.*

Note que os pronomes "Este" e "aquele" retomam, respectivamente, os termos "André" e "Paulo". São, portanto, **ANAFÓRICOS**.

Já os **CATAFÓRICOS**, por sua vez, **referem-se a elementos que ainda serão citados no texto**.

Exemplo:

*Qualquer que tivesse sido o **seu** trabalho anterior, **ele** o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos **dele**. O **professor** era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos.*

Note que os pronomes "seu", "ele" e "dele" antecipam o termo "professor". São, portanto, **CATAFÓRICOS**.

O que são dêiticos?

Os dêiticos fazem menção a elementos extratextuais, ou seja, elementos fora dos limites físicos do texto. Geralmente situam lugar e tempo ou pessoas do discurso, que não podem ser visualizadas no texto, pois não foram nele citados. No entanto, é possível identificar o referente se conhecermos o contexto em que se insere a informação.

Como assim?

*Os Beatles fizeram muito sucesso entre os jovens daquela época.*

Note que "daquela época" não faz menção a nenhum elemento já citado ou a ser citado no texto. Não se trata, pois, de anafórico ou catafórico. Infere-se, pelo contexto, que estamos falando dos anos 60, período em que os Beatles fizeram sucesso. Trata-se, assim, de um **DÊITICO**.

O exemplo clássico de dêitico é de um bilhete anônimo, sem data, nem local, assim escrito:

***Aquele encontro por que você tanto esperava será hoje à tarde.***

Não temos como saber a que "hoje" se refere o texto? Ao "hoje" do emissário, do destinatário? Não sabemos!

## Substituição lexical

A substituição de uma unidade lexical por outra é, também, um recurso coesivo, pelo qual se promove a ligação entre dois ou mais segmentos textuais. **Implica, pois, como o próprio nome indica, o uso de uma palavra no lugar de outra que lhe seja textualmente equivalente.**

Podemos substituir uma palavra por seu **SINÔNIMO**:

Exemplos:

*O Governo vem se preocupando com o problema de redução dos **gastos** do Tesouro, atacando um dos setores mais melindrosos – o das **despesas** com o funcionalismo.*

*O **combate** à inflação, a **luta** pelo equilíbrio orçamentário, (...) a **batalha** da moralização da coisa pública (...) estão sendo levados a sério.*

Podemos substituir uma palavra por seu **HIPERÔNIMO**.

Os **hiperônimos**, como o próprio nome indica, **são palavras gerais, nomes genéricos, que englobam um conjunto de seres e coisas, os chamados hipônimos.**

Por exemplo, quando analisamos gato e animal, temos que gato é hipônimo e animal, hiperônimo. Por quê? Ora, todo gato é um animal. Entre gato e animal, dizemos que há uma relação de hiponímia-hiperonímia.

Dessa forma, podemos reunir os hipônimos Brasil, Cuba, Argentina, Chile, França sob o hiperônimo país; podemos reunir os hipônimos lápis, borracha, caderno, lapiseira, apontador sob o hiperônimo material escolar; e assim por diante.

Um dos hiperônimos mais famosos é **coisa**. Afinal, tudo pode ser reunido sob o nome genérico de “coisa”.

Note nos exemplos a substituição de hipônimos – em azul – por hiperônimos – em laranja:

*Graças a Deus eu não experimentei a força e eficiência do **air bag**, pois nunca fui vítima de um acidente. Mas sou totalmente a favor do **equipamento**. Jamais soube de casos em que pessoas que dirigiam um carro com esse **dispositivo** tiveram um ferimento mais grave. (...) Na compra de um automóvel, o brasileiro deve levar em conta os diversos parâmetros de segurança, e não somente a disponibilidade do air bag. Este último item, sozinho, não pode ser considerado o salvador da pátria.*

*É mesmo difícil imaginar qualquer ação humana que não seja precedida por algum tipo de investigação. A **simples consulta ao relógio para ver que horas são**, ou **a espiada para fora da janela para observar o tempo que está fazendo**, ou **a batidinha na porta do banheiro para saber se tem gente dentro...** Todos **esses gestos** são rudimentos de pesquisa*

## Elipse

A elipse consiste na **omissão de um termo na frase** (sujeito, verbo, complemento, etc.), identificado pelo contexto. Se o termo já foi citado anteriormente, temos um caso particular de elipse: a zeugma.

Exemplos:

*Os recursos muitas vezes são escassos e a distribuição dos valores, heterogênea.*

*(= Os recursos muitas vezes são escassos e a distribuição dos valores é heterogênea.)*

Um banco tem que ser completo para ajudar sua vida a também ser.

(= Um banco tem que ser completo para ajudar sua vida a também ser **completa**)

## Coesão por conexão

Por conexão, queremos nos referir ao uso de conectores (preposições, conjunções, pronomes relativos, advérbios, etc.) na ligação das diferentes porções de texto.

Entre as diversas relações de conexão, podemos citar:

A **RELAÇÃO DE CAUSALIDADE**, ou relação de causa e consequência. Essa relação se manifesta pelas expressões **porque, uma vez que, visto que, já que, dado que, etc.**

Exemplos:

**A atividade humana solicitou tanto da natureza (causa) que não há mais garantias de que os ecossistemas do planeta sustentem as futuras gerações (consequência).**

**Já que o sol não costuma dar trégua (causa), as praias são sempre uma ótima opção (consequência).**

A **RELAÇÃO DE CONDICIONALIDADE** se estabelece quando um segmento é condição para que outro segmento seja verdadeiro. Essa relação se manifesta pelas expressões **se, caso, desde que, contanto que, salvo se, etc.**

Exemplos:

**Acho que as escolas terão realizado sua missão se forem capazes de desenvolver nos alunos o prazer da leitura.**

**Caso não houvesse pesquisa, todas as grandes invenções e descobertas científicas não teriam acontecido.**

A **RELAÇÃO DE TEMPORALIDADE** expressa o tempo, a partir do qual são localizadas as ações ou os eventos em foco. Essa relação se manifesta pelas expressões **quando, enquanto, mal, antes que, etc.**

Exemplos:

**Mal** cheguei à sala de aula, eles já esbravejavam e faziam bagunça no fundo.

**Cada vez** que um brasileiro sai do campo para a cidade, o Brasil perde alimentos e ganha fome.

A **RELAÇÃO DE FINALIDADE** se manifesta quando um dos segmentos explicita o propósito, ou o objetivo pretendido e expresso pelo outro. Essa relação se manifesta pelas expressões **para que, a fim de que, etc.**

Exemplos:

Estes cartões abrem as portas **para** você fechar negócios.

A matança criminosa de focas é conhecida no mundo inteiro. Atualmente, já existem certas medidas de proteção à fauna, **para que** tais caçadas não se repitam.

A **RELAÇÃO DE ALTERNÂNCIA** pode ocorrer de duas maneiras:

Em primeiro lugar, sendo sinalizada pelo **ou exclusivo**, implica que os elementos em alternância se excluem mutuamente, como nos exemplos a seguir:

Exemplos:

Todo escritor é útil **ou** nocivo, um dos dois.

De acordo com a utilização, os meios de informação de massa podem promover o desenvolvimento do indivíduo, a coesão e o progresso dos países(...) **ou** então tornar-se o novo ópio das massas.

Em segundo lugar, a alternância pode ser **inclusiva**, ou seja, os elementos não se excluem; pelo contrário, somam-se.

Exemplos:

A gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso ajudou alguém a se reconciliar consigo mesmo **ou** com a sua vida de cada dia.

Mesmo os animais cuja sobrevivência não pareça tão essencial à humanidade **ou** à natureza devem ser preservados de extinção.

A **RELAÇÃO DE CONFORMIDADE** se estabelece quando um segmento expressa que algo foi realizado de acordo com o que foi estabelecido em outro. Essa relação se manifesta pelas expressões **conforme, segundo, como, de acordo com, etc.**

Exemplos:

**Segundo** revelou o INPE, em nenhum lugar do mundo se desmata tanto quanto na Amazônia – o equivalente a um campo de futebol por segundo.

O brasileiro – mesmo que lentamente – dá sinais de reação. Cansado e mais alerta, já não engole sapos tão facilmente. Procura se informar e tem ousado contra-atacar, **conforme** mostram as queixas registradas nos Procons.

A **RELAÇÃO DE COMPLEMENTAÇÃO** ocorre sempre que um segmento funciona como termo complementar de outro. Essa relação se manifesta pelas expressões **que, se, como.**

Exemplos:

Inúmeros exemplos comprovam **como** a extinção indiscriminada das espécies só traz prejuízos ao homem.

Depois do longo voo do pontificado, os cardeais do conclave podem concluir **que** está na hora de o catolicismo sofrer uma revisão.

A **RELAÇÃO DE DELIMITAÇÃO OU RESTRIÇÃO** ocorre quando um termo delimita ou restringe o conteúdo do outro.

Exemplos:

Aproveite a liberdade **que** a maturidade te dá.

(= *nem toda liberdade é dada pela maturidade*)

O saldo de uma doença **que** foge ao controle é quase catastrófico.

(= *nem toda doença foge ao controle*)

A **RELAÇÃO DE ADIÇÃO** se estabelece quando mais um item é introduzido no conjunto ou, do ponto de vista argumentativo, quando mais um argumento é acrescentado em favor de uma determinada conclusão. Essa relação se manifesta pelas expressões *e, ainda, também, não só... mas também, além de, etc.*

Exemplos:

As últimas pesquisas mostram que os homens já estão se equiparando às mulheres na frequência aos supermercados. Revelam *ainda* que eles vêm mostrando um talento incrível para donas de casa.

Resta o desafio de oferecer *não apenas* um lugar em sala de aula, *mas também* garantir que as crianças absorvam o que lhes está sendo ensinado.

A **RELAÇÃO DE OPOSIÇÃO** se manifesta em conteúdos que se opõem a algo explicitado anteriormente.

Exemplos:

A dificuldade para escrever é comum em profissionais de todas as áreas. Muitas vezes, *no entanto*, ela é agravada por causa de equívocos.

As pesquisas com células-tronco embrionárias, *ainda que* de forma bastante limitada, foram aprovadas.

A **RELAÇÃO DE JUSTIFICAÇÃO OU EXPLICAÇÃO** ocorre quando um segmento tem a finalidade de explicar, justificar ou esclarecer outro segmento.

Exemplos:

Não existem animais inúteis. *Isto é*, todo animal, para sobreviver, alimenta-se necessariamente de outros seres, sejam eles animais ou vegetais.

Há muito tempo, a ciência destruiu o mito da raça pura, *que* é um conceito absurdo.

A **RELAÇÃO DE CONCLUSÃO** se manifesta quando um segmento representa uma conclusão a partir de outro segmento citado anteriormente.

Exemplos:

Escola pública não tem os mesmos recursos de uma escola privada para se manter. *Por isso*, se você trabalha em uma escola pública, cuide dela como se fosse sua.

NOSSA GRANDE VANTAGEM: todos já sabemos português! Não precisamos, *portanto*, partir do zero.

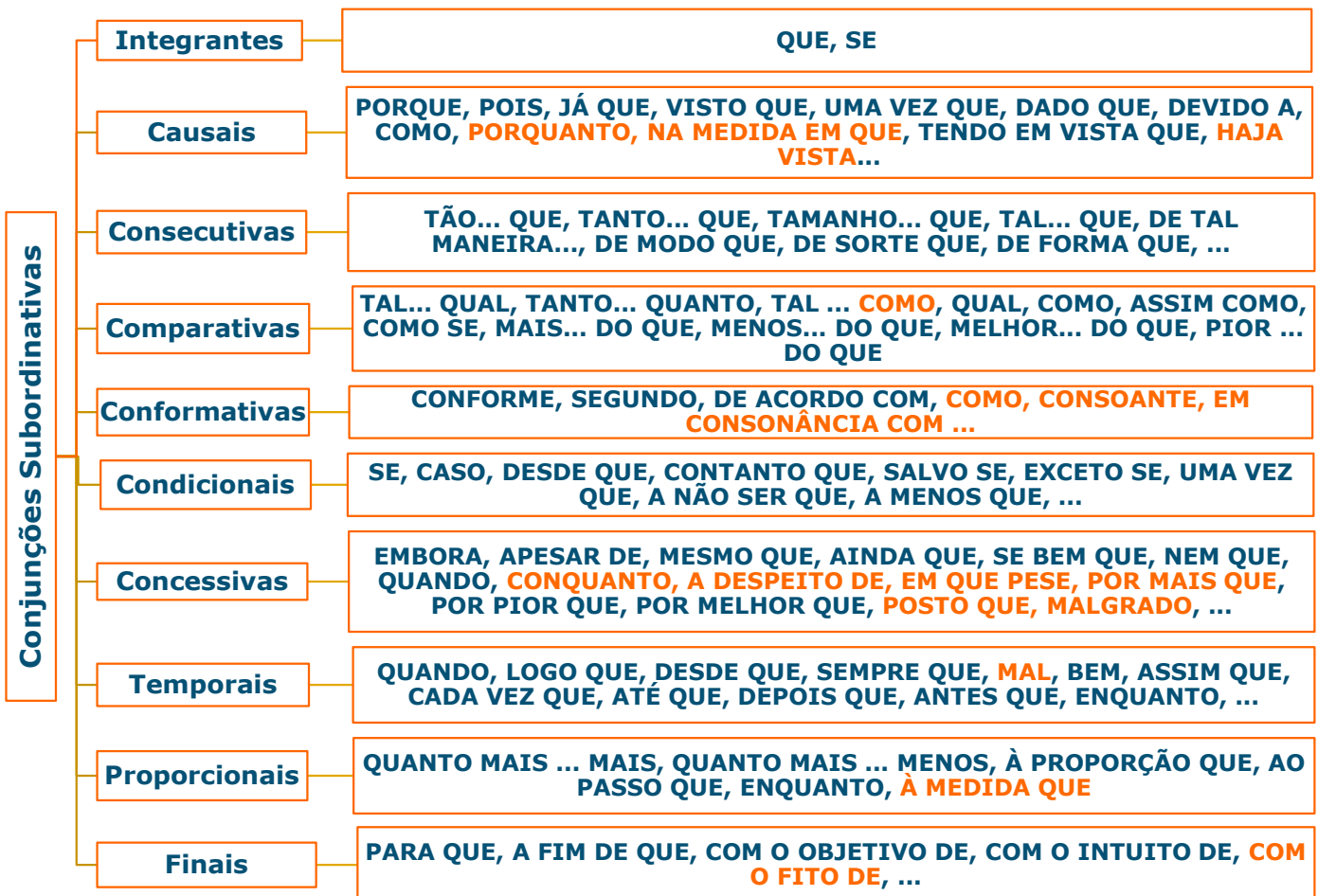
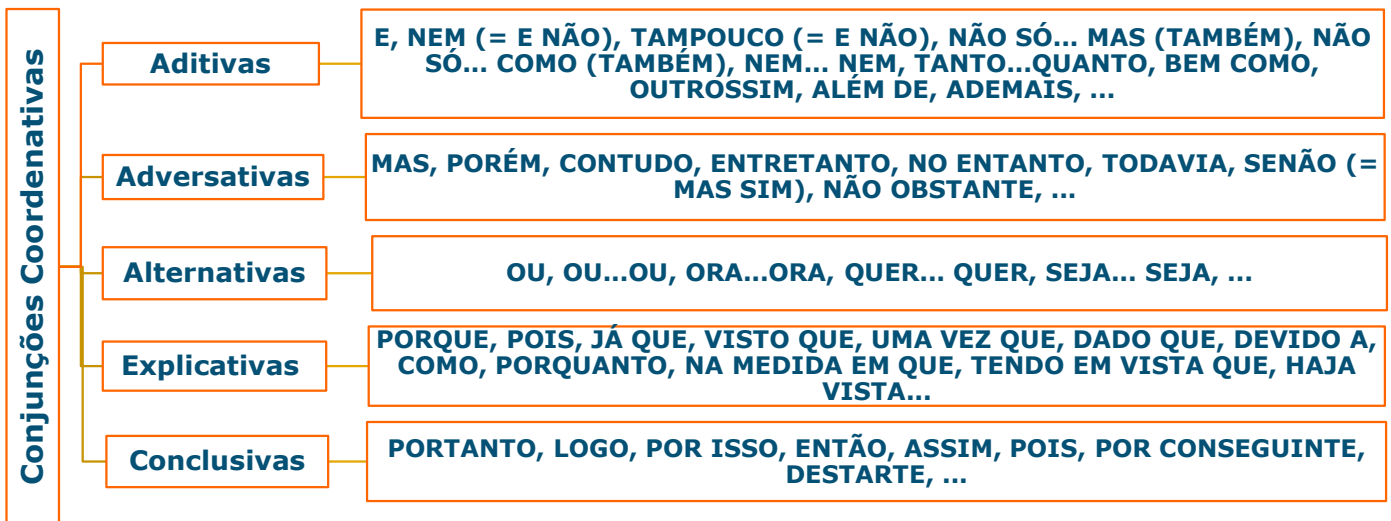
A **RELAÇÃO DE COMPARAÇÃO** se dá quando, em segmentos distintos, pomos em confronto dois ou mais elementos com a finalidade de identificar semelhanças ou diferenças entre eles.

Exemplos:

Um time é *maior que* a soma de seus jogadores.

Achar que a mudança da língua é um perigo é *como* achar que o bebê está "em perigo" de crescer.

Mais uma vez, devemos nos recordar do quadro de conjunções subordinativas e coordenativas, protagonistas no processo de coesão textual:



## Coerência

**Coerência** é a relação que se estabelece entre as partes do texto, criando uma unidade de sentido. Significa, pois, conexão, união estreita entre várias partes, relação entre ideias que se harmonizam. Assim, quando se fala em coerência, pensa-se na não-contradição de sentidos entre passagens do texto, na existência de uma continuidade de sentido. (Lições de texto: leitura e redação, Platão e Fiorin, ed. Ártica. (adaptado))

A coerência implica compatibilidade entre todos os significados inscritos no texto e, por consequência, ausência de contradição entre eles.

Podemos identificar dois tipos de incoerência: a externa e a interna.

### Incoerência Externa

Ocorre quando há incompatibilidade entre os significados inscritos no texto e os dados de realidade; entre o que diz o texto e o nosso conhecimento de mundo.

Exemplo:

*O Brasil é um país completamente imune a qualquer onda de violência.*

*A solução para o conflito árabe-israelense é simples, basta que haja vontade dos dois lados em ceder aquilo que foi tomado do outro.*

**COMENTÁRIOS:** Afirmar que o Brasil é imune à violência e julgar o conflito árabe-israelense como simples de resolver são afirmações incompatíveis com a realidade que vivemos.

### Incoerência Interna

Ocorre quando há incompatibilidade entre os significados inscritos no texto, ou seja, presença de contradição.

Exemplo:

*Pior fez o quarto-zagueiro Edinho Baiano, do Paraná Clube, entrevistado por um repórter da rádio Cidade. O Paraná tinha tomado um balaio de gols do Guarani de Campinas, alguns dias antes. O repórter queria saber o que tinha acontecido. Edinho não teve dúvidas sobre os motivos:*

**- Como a gente já esperava, fomos surpreendidos pelo ataque do Guarani.**

**COMENTÁRIOS:** Ora, se já era esperado, como pode ter sido uma surpresa?

## Questões comentadas pelo professor

### 1. CESPE - ACP (TCE-PB)/TCE-PB/Demais Áreas/2018

A cada instante, a quantidade de informações disponíveis para processamento pelo cérebro é formidável: todo o campo visual, todos os estímulos auditivos e olfativos, toda a informação relativa à posição do corpo e ao seu estado de funcionamento.

Esses estímulos precisam ser processados em conjunto, de modo que o cérebro possa montar uma imagem coerente do indivíduo e de seu ambiente. Isso sem contar os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação. Você realmente esperava processar todos os estímulos a cada momento e ainda formar registros duradouros de todos eles?

O que faz com que a memória(c) se torne seletiva(a)(d) não é o mundo atual(b), informatizado, rápido e denso em informações. Ela o é por definição, já que sua porta de entrada é um funil poderoso(e): a atenção, que concentra todo o poder operacional do cérebro sobre uma coisa só, aquela que for julgada a mais importante no momento.

Suzana Herculano-Houzel. **Por que guardar segredo é difícil?** E outras curiosidades da neurociência do cotidiano. São Paulo: Amazon. Ed. Kindle, loc. 107 (com adaptações).

No texto o termo "o" — em "Ela o é por definição" — remete ao elemento

- a) "O que faz com que a memória se torne seletiva".
- b) "o mundo atual".
- c) "a memória".
- d) "seletiva".
- e) "um funil poderoso".

#### RESOLUÇÃO:

**ALTERNATIVA A:** O trecho "O que faz com que a memória se torne seletiva" não é retomado pela palavra "o" da oração "Ela o é por definição". O termo coesivo "o" refere-se a apenas uma palavra desse segmento de texto, que é o vocábulo "seletiva".

**ALTERNATIVA B:** O termo "O mundo atual" não estabelece relação de referenciação com a palavra "o" da frase em análise (Ela o é por definição).

**ALTERNATIVA C:** O termo "A memória" é retomado pelo pronome pessoal "Ela" em "Ela o é por definição".

**ALTERNATIVA D:** O referente de "o" é a palavra "seletiva". A fim de evitar repetição, a palavra "o" substitui um termo já citado anteriormente (alternativa). Dessa forma, dá-se a coesão por meio da referenciação anafórica, em que determinado termo se refere a outro já mencionado no texto.

**ALTERNATIVA E:** O trecho "Um funil poderoso" funciona como predicativo do sujeito de "sua porta de entrada".

**Resposta: D**

## 2. CESPE - Ag (TCE-PB)/TCE-PB/Documentação/2018

Quando nos referimos<sup>(c)</sup> à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo<sup>(d)</sup> a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar<sup>(e)</sup>, deve-se ter em mente o aspecto<sup>(a)</sup> que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante<sup>(a)</sup>. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos.

Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas, do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas.

Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga que a escrita e que esta lhe é posterior e, em certo sentido, dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas "letradas", continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

No texto,

- a) o vocábulo "constante" foi empregado para qualificar o termo "aspecto".
- b) a expressão "sobre a", nas linhas 7 e 8, tem o sentido de a respeito da.
- c) o trecho "Quando nos referimos" tem o mesmo sentido de Caso nos referimos.
- d) o vocábulo "logo" tem o sentido adverbial de imediatamente.
- e) o termo "lugar" foi empregado para delimitar parte de um espaço ou região.

### RESOLUÇÃO

**ALTERNATIVA A:** O vocábulo "constante" se refere ao termo "relação".

**ALTERNATIVA B:** O termo "sobre a escrita" não tem o sentido de "a respeito da", mas de "em relação a".

**ALTERNATIVA C:** Em "Quando nos referimos", há ideia de tempo; já em "caso nos referimos", a ideia é de condição.

**ALTERNATIVA D:** No contexto da frase, "logo" é advérbio de tempo, com significação adverbial de "imediatamente", "prontamente".

**ALTERNATIVA E:** O termo "lugar" não delimita espaço ou região. Observe que ele se liga ao termo "primeiro", compondo o início de uma enumeração.

**Resposta: D**

**3. CESPE - AJ (STM)/STM/Administrativa/2018**

Texto CB1A1AAA

Não sou de choro fácil a não ser quando descubro qualquer coisa muito interessante sobre ácido desoxirribonucleico. Ou quando acho uma carta que fale sobre a descoberta de um novo modelo para a estrutura do ácido desoxirribonucleico, uma carta que termine com “Muito amor, papai”. Francis Crick descobriu o desenho do DNA e escreveu a seu filho só para dizer que “nossa estrutura é muito bonita”. Estrutura, foi o que ele falou. Antes de despedir-se ainda disse: “Quando chegar em casa, vou te mostrar o modelo”. Não esqueça os dois pacotes de leite, passe para comprar pão, guarde o resto do dinheiro para seus caramelos e, quando chegar, eu mostro a você o mecanismo copiadador básico a partir do qual a vida vem da vida.

Não sou de choro fácil, mas um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e o funcionamento de todos os seres vivos me comove. Cromossomas me animam, ribossomas me espantam. A divisão celular não me deixa dormir, e olha que eu moro bem no meio das montanhas.

De vez em quando vejo passarem os aviões, mas isso nunca acontece de madrugada — a noite se guarda toda para o infinito silêncio.

Acho que uma palavra é muito mais bonita do que uma carabina, mas não sei se vem ao caso. Nenhuma palavra quer ferir outras palavras: nem desoxirribonucleico, nem montanha, nem canção. Todos esses conceitos têm os seus **sinônimos**, veja só, ácido desoxirribonucleico e DNA são exatamente a mesma coisa, e **os** do resto das palavras você acha. É tudo uma questão de amor e prisma, por favor não abra os canhões. Que coisa mais linda esse ácido despenteado, caramba. Olhei com mais atenção o desenho da estrutura e descobri: a raça humana é toda brilho.

Matilde Campilho. Notícias escritas na beira da estrada. In: Jóquei S. ão Paulo: Editora 34, 2015, p. 26-7 (com adaptações).

Julgue o item, a seguir, com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto CB1A1AAA, no qual a autora Matilde Campilho aborda a descoberta, em 1953, da estrutura da molécula do DNA, correalizada pelos cientistas James Watson e Francis Crick.

**O vocábulo “os” remete a “sinônimos”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

Para melhor compreender essa questão, é bom lembrar que ela trata de coesão por referência anafórica. Ocorre anáfora sempre que um termo se refere a outro, anteriormente expresso. No caso em análise nesta questão, o vocábulo “os” retoma, anaforicamente, a palavra “sinônimos”.

**Resposta: CERTO**

#### 4. CESPE - AJ (STM)/STM/Administrativa/2018

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio sobre a mulher. Há outros casos. (...) Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros. Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que há de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de se supor que quem quer casar deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa- vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição não devem ser desprezadas. Esse obsoleto domínio à **valentona**, do homem sobre a **mulher**, é coisa tão horrorosa que enche de indignação.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a insanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver é um absurdo tão grande como querer impedir que o Sol varie a hora do seu nascimento. Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus.

Lima Barreto. Não as matem. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 83-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do **texto CB1A1BBB**, julgue o item que se segue.

**O vocábulo “valentona” foi empregado em referência a “mulher”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

O vocábulo “valentona” não foi empregado em referência ao termo “mulher”. Observe que “À valentona” integra um período que começa com o pronome anafórico “Esse”, termo que se refere ao pensamento equivocado de muitos homens acerca do trato com a mulher. Na sequência da frase, o termo “À valentona” vem seguido de um apostrofo, que deixa mais evidente as relações de referência da frase. Assim, “À valentona” sugere algo que é feito de modo violento, que é justamente a maneira como o homem deseja dominar a mulher.

**Resposta: ERRADO**

**5. CESPE - AJ (STM)/STM/Apoio Especializado/Revisão de Texto/2018**

Texto 6A1AAA

Está demonstrado, portanto, que o revisor errou, que se não errou confundiu, que se não confundiu imaginou, mas venha atirar-lhe a primeira pedra aquele que não tenha errado, confundido ou imaginado nunca. Errar, disse-o quem sabia, é próprio do homem, o que significa, se não é erro tomar as palavras à letra, que não seria verdadeiro homem aquele que não errasse. Porém, esta suprema máxima não pode ser utilizada como desculpa universal que a todos nos absolveria de juízos coxos e opiniões mancadas. Quem não sabe deve perguntar, ter essa humildade, e uma precaução tão elementar deveria tê-la sempre presente o revisor, tanto mais que nem sequer precisaria sair de sua casa, do escritório onde agora está trabalhando, pois não faltam aqui os livros que o elucidariam se tivesse tido a sagesa e prudência de **não acreditar cegamente naquilo que supõe saber**, que **daí** é que vêm os enganos piores, não da ignorância. Nestas ajoujadas estantes, milhares e milhares de páginas esperam a cintilação duma curiosidade inicial ou a firme luz que é sempre a dúvida que busca o seu próprio esclarecimento. Lancemos, enfim, a crédito do revisor ter reunido, ao longo duma vida, tantas e tão diversas fontes de informação, embora um simples olhar nos revele que estão faltando no seu tombo as tecnologias da informática, mas o dinheiro, desgraçadamente, não chega a tudo, e este ofício, é altura de dizê-lo, inclui-se entre os mais mal pagos do orbe. Um dia, mas Alá é maior, qualquer corretor de livros terá ao seu dispor um terminal de computador que o manterá ligado, noite e dia, umbilicalmente, ao banco central de dados, não tendo ele, e nós, mais que desejar que entre esses dados do saber total não se tenha insinuado, como o diabo no convento, o erro tentador.

Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio. Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os costumados dicionários da língua e vocabulários, os

Morais e Aurélio, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

José Saramago. História do cerco de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25-6.

Com relação à variação linguística bem como aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto 6A1AAA, julgue o item.

**O vocábulo aí, na contração “daí”, retoma a ideia expressa no trecho “não acreditar cegamente naquilo que supõe saber”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

O vocábulo *aí*, na contração “*daí*”, não retoma a ideia expressa no trecho “*não acreditar cegamente naquilo que supõe saber*”. Para entender melhor essa relação anafórica, vejamos todo o trecho em que o vocábulo em análise está inserido. Em “*daí é que vêm os piores enganos*”, o termo “*daí*” pressupõe um ponto do qual algo surge: os piores enganos. De onde “os piores enganos” viriam, então? Qual o ponto de origem ou de partida deles? A resposta está no trecho anterior: do fato de se “*acreditar cegamente naquilo que supõe saber*”.

A questão pode levar à dúvida por incluir o advérbio de negação “não” no referente do termo “aí”, na contração de “daí”.

**Resposta: ERRADO**

---

## 6. CESPE - TJ (STM)/STM/Administrativa/"Sem Especialidade"/2018

Texto CB4A1AAA

Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em **tudo**: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas, desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, nos vídeos, videogames e jogos de tabuleiro. A narração, por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.

Uma contagem de palavras na base de dados do Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando.

A expressão disputa de narrativas, que teve um boom dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito à acepção mais literária do termo, como narrativa de um romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet: <[www.nexojournal.com.br](http://www.nexojournal.com.br)> (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA, julgue o item a seguir.

**A autora utiliza o termo “tudo” para se referir a uma ampla quantidade de experiências, objetos e produtos que constituem e(ou) comportam uma sequência articulada de eventos.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

### RESOLUÇÃO

O vocábulo “tudo” é um termo de coesão referencial catafórica, pois se refere ao que vem depois dele, mais precisamente o que vem após os dois pontos. Por essa razão, a questão está correta ao afirmar que a autora utiliza o termo “tudo” para se referir a uma ampla quantidade de experiências, objetos e produtos que constituem e(ou) comportam uma sequência articulada de eventos.

**Resposta: CERTO**

---

**7. CESPE - TJ STJ/STJ/Administrativa/2018**

Texto CB4A1AAA

As discussões em torno de questões como “o que é justiça?” ou “quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?” não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de **situações de justiça social** e têm hipóteses concretas para se chegar a esse **estado de coisas**.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, relativo aos sentidos e às ideias do texto CB4A1AAA.

**A expressão “estado de coisas” refere-se a “situações de justiça social” .**

**( ) CERTO ( ) ERRADO**

**RESOLUÇÃO**

Para melhor compreensão da questão, é importante observar o pronome demonstrativo anafórico “esse”, que acompanha o termo “estado de coisas”. Assim, essa expressão está se referindo a algo mencionado anteriormente no período, que é o termo “situações de justiça social”.

**Resposta: CERTO**

---

**8. CESPE - TJ STJ/STJ/Administrativa/2018****Texto CB4A1AAA**

As discussões em torno de questões como “o que é justiça?” ou “quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?” não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de **cada um desses autores** divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de situações de justiça social e **têm** hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

A respeito dos aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA, julgue o item.

**O sujeito da forma verbal “têm” está elíptico e retoma “cada um desses autores”**

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

O sujeito elíptico da forma verbal “têm” é o pronome pessoal “eles”, expresso na oração anterior. Se o sujeito elíptico da forma verbal “têm” fosse o termo “cada um desses autores”, o verbo assumiria a forma “tem”, singular de terceira pessoa, pois concordaria com o núcleo do sujeito, e não com o termo preposicionado “desses autores”.

**Resposta: ERRADO**

---

**9. CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018****Texto**

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela **voz do interlocutor**, que começava a falar chãmente em **outras coisas, que**, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepende-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

Com relação às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto, julgue o item a seguir.

**É correto estabelecer a referência do pronome “que” tanto com “voz do interlocutor” quanto com “outras coisas”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

O vocábulo “QUE” é um pronome relativo. Sua função é relacionar orações, substituindo na segunda um termo que já apareceu na primeira. Como elemento coesivo, é referencial anafórico, pois se refere a um termo anterior a ele. No período em análise, por exemplo, é correto estabelecer a referência do pronome “que” tanto com “voz do interlocutor” quanto com “outras coisas”. Assim, o vocábulo “QUE” em destaque passa a ter dois referentes na frase.

**Resposta: CERTO**

---

**10. CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018****Texto**

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado

por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. **Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava...** E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue o próximo item.

**No trecho “Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava...”, o elemento “Pois” introduz uma concessão.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

### RESOLUÇÃO

O conectivo “POIS” costuma ser usado, geralmente, com os seguintes significados:

(I) Como elemento de explicação, quando pode ser substituído por “porque” ou “que”. Por exemplo: Volte logo, pois (porque) já é tarde.

(II) Como elemento de conclusão, quando pode ser substituído por “portanto”. Por exemplo: A prova será difícil, devemos, pois (portanto), estudar.

Na frase em análise, não há ideia de concessão. Vale lembrar que a conjunção paradigma para as orações concessivas é o conectivo “embora”.

Ao analisarmos o “pois” que inicia o período, portanto antes de verbo, seria natural que ele fosse classificado como “explicativo”, no entanto observa-se que ele está deslocado, equivalendo a um conectivo de conclusão como “então”, “por isso” ou “portanto”. Assim, a carga semântica desse conector é de conclusão, e não de concessão.

**Resposta: ERRADO**

### 11.CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

#### Texto

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado

por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: "Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?", vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a **Dúvida** começava a redesenhar, **reanimando-a**, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi "sim" nem "não"; seria acaso um "talvez", se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue o próximo item.

**Em "reanimando-a", o pronome "a" refere-se a "Dúvida".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

O pronome oblíquo "a", em reanimando-a", refere-se anaforicamente à face do Juca, e não ao termo "Dúvida", como afirma a questão. Assim, se o trecho fosse reescrito, teríamos o seguinte: A Dúvida começava a redesenhar, reanimando sua face devastada pela erosão da morte.

**Resposta: ERRADO**

#### 12. CESPE - Ass Port (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

É curioso notar que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades. **Isso** porque uma das características das primeiras estruturas urbanas existentes na região do Oriente Próximo foi a presença do porto.

As primeiras cidades, no sentido moderno, surgiram no período compreendido entre 3.100 e 2.900 a.C., na Mesopotâmia, civilização situada às margens dos rios Tigre e Eufrates. A estrutura desses primeiros agrupamentos urbanos era tripartite: a cidade propriamente dita, cercada por muralhas, onde ficavam os principais locais de culto e as células dos futuros palácios reais; uma espécie de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade.

Não se trata, portanto, de uma criação aleatória apenas vinculada à atividade comercial. O porto aparece como mais um elemento de uma forte mudança civilizacional que marcou o contexto do surgimento das cidades e da escrita. O comportamento fundamental dessa mudança localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano, na diversificação dos papéis sociais e na abertura para o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau de complexidade da sociedade.

Cristiano Paixão e Ronaldo C Fleury Trabalho portuário — a modernização dos portos e as relações de trabalho no Brasil São Paulo: Método, 2008, p 17-8 (com adaptações)

Com relação aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

**O pronome “Isso” retoma toda a ideia expressa no primeiro período do texto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

### RESOLUÇÃO

No primeiro período do texto, anterior ao pronome “Isso”, identificamos uma oração principal (É curioso), uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (notar) e uma oração subordinada substantiva objetiva direta (que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades.). Feita essa observação, identificamos que o pronome “Isso” não se refere a toda a ideia expressa no primeiro período do texto, mas somente à ideia de *porto*, que está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades.

**Resposta: ERRADO**

---

### Texto para a questão 13

Imagine uma operação de busca na selva. Sem mapas, binóculos ou apoio logístico; somente com um facão. Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective.

O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento. Para ajudar o trabalho dos peritos, existem programas que buscam os arquivos de imagem e vídeo através de sua *hash* ou sua assinatura digital. **Logo nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.**

Para o teste, pegaram um HD com conteúdo já periciado e rodaram o programa. Conseguiram 95% de acerto em 12 minutos. Seu diferencial era não só buscar pela assinatura digital ou nomes conhecidos, mas também por novos arquivos por intermédio da leitura dos *pixels* presentes na imagem calibrados a uma paleta de tons de pele. Começava a revolução em termos de investigação criminal de pornografia infantil.

Além da detecção de imagens e vídeos, todo o processo de busca e obtenção de resultados é simultâneo, o que economiza tempo e dinheiro.

A licença de uso do software, que é programado em Java, é gratuita e só é disponibilizada para forças da lei e pesquisas acadêmicas. Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças. Mas, então, por que não deixá-lo disponível para todos? Somente para que não possa ser utilizado para criar formas de burlá-lo, explicam.

Desde seu lançamento, o Nudetective já foi compartilhado com Argentina, Paraguai, Suécia, Áustria, Noruega, Nova Zelândia e Portugal. Ganhou reconhecimento e premiações em congressos forenses no Brasil e no mundo.

Internet: (com adaptações).

**13.CESPE – PF - 2018**

No período em que se insere, o termo “Logo” expressa uma ideia de conclusão

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

Observemos o seguinte trecho:

*Logo nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.*

Note que o vocábulo “Logo” expressa a ideia de tempo, e não de conclusão.

Isso fica bem claro reescrevendo o trecho da seguinte forma:

*Já nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.*

**Resposta: ERRADO**

---

**Texto para as questões 14 a 15****Texto 12A1AAA**

A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.

— Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

— As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. (...) Você compreenderá, agora, o

que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, **ele é apenas culpado de uma non distributio medii**, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. **E ambas as coisas**. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence*.

Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. Victor Civita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

#### 14. CESPE – PF - 2018

O pronome “ele”, no trecho “ele é apenas culpado de uma non distributio medii” (R. 51 e 52), refere-se a “o ministro” (R.49).

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

Reproduzamos o seguinte trecho:

Segundo o **delegado**, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, **ele** é apenas culpado de uma non distributio medii, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

Como se pode ver, o pronome “ele” retoma “delegado”. O delegado tem culpa pelo equívoco, por inferir que todos os poetas são idiotas.

Resposta: ERRADO

#### 15. CESPE – PF - 2018

Dados os sentidos do sexto parágrafo, é possível supor que, na frase “E ambas as coisas”, no sétimo parágrafo, está elíptico o trecho **ele é** logo após “E”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

Reproduzamos o seguinte trecho:

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E (ele é) ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

Note que o narrador diz ser o ministro matemático, e não poeta. E Dupin o desmente, afirmando ser o ministro matemático e poeta. Dessa forma, é sim coerente considerar o trecho elíptico (omitido) “ele é” logo após “E”.

**Resposta: CERTO**

### Texto para as questões 16 a 17

Popularmente conhecidos como seios aéreos faciais, os seios paranasais começam a se desenvolver precocemente na vida fetal. As funções desses seios não são totalmente compreendidas, mas a grande maioria da literatura anatômica sugere que eles aliviam o crânio e adicionam ressonância à voz.

Entre os principais seios do crânio humano destacam-se os seios maxilar, frontal, esfenoidal e etmoidal. Um considerável interesse na identificação forense de indivíduos tem-se voltado para o estudo do seio frontal. O estudo comparativo de imagens do seio frontal tem valor significativo para o estabelecimento da identificação do indivíduo sob exame.

Como as impressões digitais, os padrões dos seios frontais são únicos para uma pessoa. A identificação comparativa de radiografias do seio frontal é muito segura porque não há duas pessoas com a mesma configuração de seio frontal. Além das radiografias de projeção tradicional normal, a tomografia computadorizada do seio frontal também tem sido usada para essa identificação.

À semelhança do que ocorre com a identificação de indivíduos por meio de suas impressões digitais, a identificação a partir do estudo dos seios frontais pode inviabilizar-se em algumas situações. Há casos, por exemplo, de indivíduos adultos em que essas cavidades não se formam. Além disso, os seios frontais podem ser afetados por traumas e por patologias agudas ou crônicas, como inflamações, displasias endócrinas e osteíte.

*Z. Nateghian et al. Frontal sinus pattern and evaluation of right and left frontal sinus volume according to gender, using multi detector CT scan. In: Journal of Forensic Science & Criminology: vol. 4, issue 4, ISSN: 2348-9804 (tradução livre, com adaptações).*

### 16. CESPE – PF - 2018

A correção gramatical do texto precedente, assim como sua coerência e sua coesão, seriam preservadas se o segundo e o terceiro parágrafos passassem a compor um único parágrafo mediante a união de ambos de uma das seguintes formas: (...) da identificação do indivíduo sob exame, porquanto, como as impressões digitais, (...) ou (...) da identificação do indivíduo sob exame, uma vez que, como as impressões digitais, (...).

( ) CERTO ( ) ERRADO

### RESOLUÇÃO

Selecionando o último período do 2º parágrafo e o primeiro período do 3º parágrafo:

*O estudo comparativo de imagens do seio frontal tem valor significativo para o estabelecimento da identificação do indivíduo sob exame.*

*Como as impressões digitais, os padrões dos seios frontais são únicos para uma pessoa.*

De fato, há uma relação de causalidade entre os dois períodos. Ao unir os dois períodos em um só, devemos usar conectores causais: porque, pois, já que, visto que, uma vez que, porquanto, na medida em que, etc.

As duas propostas de reescrita empregam os conectores “porquanto” e “uma vez que”, que são conectores causais.

**Resposta: CERTO**

---

### 17.CESPE – PF - 2018

**A correção gramatical do texto precedente, assim como sua coerência e sua coesão, seriam preservadas se o terceiro e o quarto parágrafos fossem fundidos em um único parágrafo mediante a introdução, entre eles, da conjunção **Contudo** ou da conjunção **Todavia**, feitas as devidas alterações na pontuação e nas letras maiúsculas e minúsculas.**

**( ) CERTO ( ) ERRADO**

### RESOLUÇÃO

Selecionando o último período do 3º parágrafo e o primeiro período do 4º parágrafo:

*Além das radiografias de projeção tradicional normal, a tomografia computadorizada do seio frontal também tem sido usada para essa identificação.*

*À semelhança do que ocorre com a identificação de indivíduos por meio de suas impressões digitais, a identificação a partir do estudo dos seios frontais pode inviabilizar-se em algumas situações.*

De fato, há uma relação de contraste entre os dois períodos. Enquanto que o conteúdo do último período do 3º parágrafo aponta para o uso da tomografia computadorizada do seio frontal, o primeiro período do 4º parágrafo aponta para uma restrição desse uso.

Ao unir os dois períodos em um só, uma possibilidade é empregar conectores adversativos: *porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia.*

As duas propostas de reescrita empregam os conectores “Contudo” e “Todavia”, que são conectores adversativos.

**O item, portanto, está CERTO!**

**Resposta: CERTO**

---

### Texto para as questões 18 e 19

A natureza jamais vai deixar de nos surpreender. As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton. Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos

estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando **compreender o novo**. E, a cada passo **dessa busca** sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte **dessa aventura**, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; **se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual**. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos do texto 14A15AAA, julgue os próximos itens.

### 18. CESPE – PF - 2018

No trecho “se não por intermédio ... intelectual” (R. 20 a 23) as expressões “se não” e “ao menos” poderiam ser substituídas, sem prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto, por **não só** e **mas também**, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

Observemos o trecho:

*... todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; **se não** por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, **ao menos** ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual.*

A expressão “se não... ao menos” dá a entender uma ideia de alternância. É possível assim reescrevê-la, mantendo a correção e o sentido original:

*... todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; **ou** por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, **ou** ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual.*

Fazendo as alterações sugeridas, teríamos:

*... todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; **não só** por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, **mas também** ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual.*

A expressão “não só... mas também” dá a entender uma ideia de adição.

Há, portanto, alteração de sentido original.

Resposta: ERRADO

**19. CESPE – PF - 2018**

As expressões “dessa busca sem fim” (R.15) e “dessa aventura” (R. 18 e 19) retomam, por coesão, o mesmo referente: “compreender o novo” (R.15).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

Analisemos o seguinte trecho:

*Assim como nossos antepassados, estaremos sempre **buscando compreender o novo**. E, a cada passo dessa **busca sem fim (=que é a busca pela compreensão do novo)**, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta. Em graus diferentes, todos fazemos parte **dessa aventura (= que é a busca por compreender o novo)**, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta...*

Sendo rigoroso, talvez em demasia, as expressões “dessa busca sem fim” e “dessa aventura” retomam especificamente a “buscar compreender o novo”, e não “compreender o novo”, o que poderia ensejar recursos.

**Resposta: CERTO**

---

**Texto para a questão 20**

Como se pode imaginar, não foi o latim clássico, dos grandes escritores romanos e latinos e falado pelas classes romanas mais abastadas, que penetrou na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano. Foi o latim popular, falado pelas tropas invasoras que fez **esse papel**. Essa variante vulgar sobrepôs-se às línguas dos povos dominados e com elas caldeou-se, dando origem aos dialetos que viriam a se chamar genericamente de romanches ou romances (do latim romanice, isto é, à moda dos romanos).

No século V d.C., o Império Romano ruiu e os romanches passaram a diferenciar-se cada vez mais, dando origem às chamadas línguas neolatinas ou românicas: francês, provençal, espanhol, português, catalão, romeno, rético, sardo etc.

Séculos mais tarde, Portugal fundou-se como nação, ao mesmo tempo em que o português ganhou seu estatuto de língua, da seguinte forma: enquanto Portugal estabelecia as suas fronteiras no século XIII, o galego-português patenteava-se em forma literária.

Cerca de três séculos depois, Portugal lançou-se em uma expansão de conquistas que, à imagem do que Roma fizera, levou a língua portuguesa a remotas regiões: Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cingapura, Índia e Brasil, para citar uns poucos exemplos em três continentes.

Muito mais tarde, essas colônias tornaram-se independentes — o Brasil no século XIX, as demais no século XX —, mas a língua de comunicação foi mantida e é hoje oficial em oito nações independentes: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Instituto Antônio Houaiss. José Carlos de Azevedo (Coord.). Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 16-7 (com adaptações).

**20. CESPE – PF - 2018**

A expressão “esse papel” refere-se à penetração do latim “na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano” (R. 3 a 5).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

Observemos o seguinte trecho:

*Como se pode imaginar, não foi o latim clássico, dos grandes escritores romanos e latinos e falado pelas classes romanas mais abastadas, que penetrou na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano. Foi o latim popular, falado pelas tropas invasoras, que fez esse papel.*

O pronome demonstrativo “esse” atua como anafórico, ou seja, ele retoma termos já citados no texto.

Por meio da leitura, é possível estabelecer a associação entre “esse papel” com “penetrou na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano”.

**O item está CERTO, portanto!**

**Resposta: CERTO**

---

**Texto para as questões 21 a 25****Texto 13A1AAA**

No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa de punição de condenados foi-se extinguindo. Em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal: o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Ficou a suspeita de que **tal rito** que dava um “fecho” ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes com assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e de admiração.

A punição vai-se tornando a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime, e não mais o abominável teatro.

Sob o nome de crimes e delitos, são sempre julgados corretamente os objetos jurídicos definidos pelo Código. **Porém** julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de meio ambiente ou de hereditariedade. Punem-se as agressões, mas, por meio delas, as agressividades, as violações e, ao mesmo tempo, as perversões, os assassinatos que são, também, impulsos e desejos. Dir-se-ia que não são eles que são julgados; se são invocados, é para explicar os fatos a serem julgados e determinar até que ponto a vontade do réu estava envolvida no crime. As sombras que se escondem por trás dos elementos da causa é que são, na realidade, julgadas e punidas.

O juiz de nossos dias — magistrado ou jurado — faz outra coisa, bem diferente de “julgar”. E ele não julga mais sozinho. Ao longo do processo penal, e da execução da pena, prolifera toda uma série de instâncias anexas. Pequenas justiças e juízes paralelos se multiplicaram em torno do julgamento principal: peritos psiquiátricos ou psicológicos, magistrados da aplicação das penas, educadores, funcionários da administração penitenciária fracionam o poder legal de punir. Dir-se-á, **no entanto**, que nenhum deles partilha realmente do direito de julgar; os peritos não **intervêm** antes da sentença para fazer um julgamento, mas para esclarecer a decisão dos juízes. Todo o aparelho que se desenvolveu há anos, em torno da aplicação das penas e de seu ajustamento aos indivíduos, multiplica as instâncias da decisão judiciária, prolongando-a muito além da sentença.

Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 8-26 (com adaptações).

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto 13A1AAA, julgue os itens a seguir.

### 21. CESPE – PF - 2018

A locução “no entanto” introduz no período uma ideia de conclusão; por isso, sua substituição por **portanto** preservaria a correção gramatical e as relações de sentido originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

O conector “no entanto” transmite a ideia de oposição adversativa, ao passo que “portanto” está associado à ideia de conclusão.

As relações de sentido obviamente irão mudar se efetivarmos a troca sugerida.

Resposta: ERRADO

---

### 22. CESPE – PF - 2018

A substituição de “Porém” por **Entretanto** manteria a correção gramatical e os sentidos originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### RESOLUÇÃO

De fato, trata-se de conectores adversativos.

São adversativos: mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia.

O item está CERTO, portanto!

Resposta: CERTO

---

**23. CESPE – PF - 2018**

A locução “no entanto” introduz no período uma ideia de conclusão; por isso, sua substituição por **portanto** preservaria a correção gramatical e as relações de sentido originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

O conector “no entanto” transmite a ideia de oposição adversativa, ao passo que “portanto” está associado à ideia de conclusão.

As relações de sentido obviamente irão mudar se efetivarmos a troca sugerida.

**O item está ERRADO, portanto!**

**Resposta: ERRADO**

---

**24. CESPE – PF - 2018**

Subentende-se a forma verbal “intervêm” (R.42) logo após o vocábulo “mas” em “mas para esclarecer a decisão dos juízes” (R.43).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

Observemos o trecho:

*... os peritos não intervêm antes da sentença para fazer um julgamento, mas para esclarecer a decisão dos juízes...*

De fato, pela coerência do contexto, é sim possível subentender a forma verbal “intervêm” após a conjunção “mas”.

*... os peritos não intervêm antes da sentença para fazer um julgamento, mas (intervêm) para esclarecer a decisão dos juízes...*

Um detalhe a ser observado diz respeito ao acento diferencial circunflexo na forma “intervêm”. Ele é necessário, haja vista que ocorre a concordância com o sujeito plural “peritos”.

**O item está CERTO, portanto!**

**Resposta: CERTO**

---

**25.CESPE – PF - 2018**

No longo período que finaliza o primeiro parágrafo do texto, as formas verbais no gerúndio relacionam-se, por coesão, ao termo “tal rito” (R.7).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO**

... igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes com assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e de admiração.

De fato, é possível identificar antes de cada verbo no gerúndio o sujeito ocultou “tal rito”. Analisando a coerência do trecho de texto, é possível entender que o rito de crueldade nas punições igualava ou até mesmo ultrapassava o crime praticado em termos de selvageria; tal rito de crueldade nas punições acostumava os espectadores a uma ferocidade; e assim por diante.

**Resposta: CERTO**

---

**Pavio do destino**

Sérgio Sampaio

1 O bandido e o mocinho  
São os dois do mesmo ninho  
Correm nos estreitos trilhos

4 Lá no morro dos aflitos  
Na Favela do Esqueleto  
São filhos do primo pobre

7 A parcela do silêncio  
Que encobre todos os gritos  
E vão caminhando juntos

10 O mocinho e o bandido  
De revólver de brinquedo  
Porque ainda são meninos

13 Quem viu o pavio aceso do destino?

Com um pouco mais de idade  
E já não são como antes

16 Depois que uma autoridade  
Inventou-lhes um flagrante  
Quanto mais escapa o tempo

19 Dos falsos educandários  
Mais a dor é o documento  
Que os agride e os separa

22 Não são mais dois inocentes  
Não se falam cara a cara  
Quem pode escapar ileso

25 Do medo e do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

O tempo é pai de tudo  
E surpresa não tem dia  
Pode ser que haja no mundo  
Outra maior ironia

31 O bandido veste a farda  
Da suprema segurança  
O mocinho agora amarga

34 Um bando, uma quadrilha  
São os dois da mesma safra  
Os dois são da mesma ilha

37 Dois meninos pelo avesso  
Dois perdidos Valentinos

Quem viu o pavio aceso do destino?

**26. CESPE – PC/DF - Agente de Polícia – 2013)**

O antecedente a que se referem os termos “lhes” (v.17) e “os” (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**RESOLUÇÃO:**

De fato! Faz-se menção ao mocinho e ao bandido, personagens dos dois meninos na brincadeira infantil. Depois de crescidos, os papéis se invertem: o que fazia o papel de bandido se torna policial; e que era policial se torna bandido.

**Resposta: CERTO****27. INÉDITA****A BOA MORTE**

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no "Wall Street Journal" e no "Guardian", o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo "no code" (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

***"Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres."***

No período destacado, a primeira oração expressa em relação à seguinte o valor semântico de:

- a) causa
- b) consequência
- c) finalidade
- d) comparação
- e) conformidade

#### **RESOLUÇÃO:**

Questão relativamente simples, que trata do valor semântico dos conectores, em particular a conjunção "como".

Para resolver esse tipo de questão, uma habilidade que se exige do aluno é reescrever o texto, identificando as corretas relações lógicas. Vejamos um exemplo:

**Como** estava chovendo, não pude ir ao show.

= Não pude ir ao show, **porque** estava chovendo.

Dessa forma, a conjunção "como" assume valor semântico causal.

Analisemos o "como" no trecho:

*Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres.”.*

É possível reescrever o trecho acima da seguinte forma:

**“Devido ao fato de estarem familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres.”.**

Fica claro, assim, que a conjunção "como" assume valor causal.

**Resposta: A**

---

### Texto para as questões 28 a 30

A história da clorpromazina (comercializada como Amplitil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em “Blue Dreams” (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

**Hélio Schwartzman**

### 28. INÉDITA

**Assinale a opção cuja reescrita mantém a correção gramatical e preserva o sentido original do seguinte trecho:**

*Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.*

- Slater não só mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas explicita os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- Embora Slater não esconda os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação, mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes.
- Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mesmo não escondendo os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

d) Apesar de mostrar o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

e) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, à medida que não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

## RESOLUÇÃO

Observemos a conjunção “mas”, cujo sentido é adversativo.

Antes de analisarmos as opções, vale a pena ressaltar a diferença entre a oposição adversativa – o principal representante é o “mas” - e a concessiva - o principal representante é o “embora”.

Vejam os dois exemplos:

*João é um bom funcionário, mas chega atrasado todo dia.*

*João é um bom funcionário, embora chegue atrasado todo dia.*

Na primeira, destaca-se, por meio da conjunção “mas”, o fato de João chegar atrasado todo dia. Já na segunda, a conjunção concessiva “embora” relativiza o fato de João chegar atrasado todo dia.

Na primeira, enfatiza-se o defeito; na segunda, a qualidade.

### Analise as opções:

**ALTERNATIVA A – ERRADA** – Cuidado com essa redação. Nela, empregamos o conector “mas”. No entanto, ele não está sozinho. Observemos que temos a presença da expressão “*não só... mas (também)*”, que tem valor de adição, e não de oposição adversativa. É preciso identificar a palavra “também” subentendida após a conjunção “mas”.

**ALTERNATIVA B – ERRADA** – Na redação original, a conjunção adversativa “mas” enfatiza os graves efeitos secundários e o tamanho da ignorância sobre o tema. Ao mesmo tempo, relativiza-se (atenua-se) o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes.

Na proposta de reescrita, utiliza-se a conjunção concessiva “embora”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

**ALTERNATIVA C – ERRADA** – Ocorre o emprego da conjunção concessiva “mesmo”. Essa conjunção relativiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mudando-se, assim, o sentido original.

**ALTERNATIVA D – CERTA** - Ocorre o emprego da locução conjuntiva concessiva “Apesar de”. Essa conjunção relativiza o que de bom os medicamentos trazem para os pacientes e enfatiza os graves efeitos e a ignorância sobre o tema, mantendo-se, assim, o sentido original.

**ALTERNATIVA E – ERRADA** – A locução “à medida que” tem sentido de proporção, bem diferente, portanto, do sentido original de oposição.

**Resposta: D**

---

## 29. INÉDITA

*Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.*

É possível identificar entre as duas frases que o compõem uma relação de:

- a) Adição
- b) Explicação
- c) Comparação
- d) Oposição
- e) Conclusão

### RESOLUÇÃO

Cuidado com essa questão!

O enunciado aqui é decisivo, pois se pede do candidato que ele identifique a relação entre as FRASES.

O que pode nos confundir é a presença do conector “Além de”, que dá o sentido de adição. No entanto, essa relação de adição se dá entre os termos da segunda frase, e não entre as frases. Diz-se na segunda frase que ela é escritora, psicóloga E paciente psiquiátrica.

Dessa forma, o grande risco é marcarmos a letra A. No entanto, repetindo, não é de adição a relação entre as frases.

Agora analisemos a relação entre as frases. É possível explicitá-la, fazendo-se a seguinte reescrita:

*Slater parte de um ponto de vista privilegiado, POIS, além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.*

A presença da conjunção POIS explícita, portanto, a relação de EXPLICAÇÃO.

**Resposta: B**

---

## 30. INÉDITA

Lendo uma notícia de um jornal, nota-se o seguinte trecho:

*"Muitas são as pessoas que estão se mudando daquela cidade graças à violência que lá tem sido tão frequente."*

Um leitor mais atento julgou incorreto o emprego da expressão “graças a”.

Assinale a opção que traz uma justificativa coerente para esse julgamento e uma proposta de correção:

- a) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “devido a”.
- b) A locução conjuntiva “graças a” não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por “em virtude de”.
- c) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.

d) A locução conjuntiva “graças a”, embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “mesmo com”.

e) A locução conjuntiva “graças a” transmite a ideia de consequência exigida na frase. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por “devido a”.

**RESOLUÇÃO:**

A locução “graças a” introduz uma ideia de causa. No entanto, é compatível com causas de carga semântica positiva, pois a expressão está associada ao sentido de “agradecer”.

Descartando-se a hipótese de o autor ter se expressado de forma irônica, haja vista se tratar o texto de uma notícia jornalística, vê-se incompatibilidade no emprego da expressão, pois “violência” não tem valor positivo.

**ALTERNATIVA A – ERRADA** – A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa.

**ALTERNATIVA B – ERRADA** - A locução “graças a” transmite sim a ideia de causa. Além disso, não seria possível a troca pela também expressão de causa “em virtude de”, devido ao fato de esta também pedir conteúdo de valor semântico positivo.

**ALTERNATIVA C – CERTA** – A troca pela expressão causal neutra “devido a” dá à redação compatibilidade semântica.

**ALTERNATIVA D – ERRADA** – A expressão “mesmo com” não teria valor causal, e sim concessivo, alterando, dessa forma, o conteúdo original.

**ALTERNATIVA E – ERRADA** - A locução “graças a” transmite uma ideia de causa, não de consequência.

**Resposta: C**

---

## Lista de Questões

### 1. CESPE - ACP (TCE-PB)/TCE-PB/Demais Áreas/2018

A cada instante, a quantidade de informações disponíveis para processamento pelo cérebro é formidável: todo o campo visual, todos os estímulos auditivos e olfativos, toda a informação relativa à posição do corpo e ao seu estado de funcionamento.

Esses estímulos precisam ser processados em conjunto, de modo que o cérebro possa montar uma imagem coerente do indivíduo e de seu ambiente. Isso sem contar os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação. Você realmente esperava processar todos os estímulos a cada momento e ainda formar registros duradouros de todos eles?

O que faz com que a memória(c) se torne seletiva(a)(d) não é o mundo atual(b), informatizado, rápido e denso em informações. Ela o é por definição, já que sua porta de entrada é um funil poderoso(e): a atenção, que concentra todo o poder operacional do cérebro sobre uma coisa só, aquela que for julgada a mais importante no momento.

Suzana Herculano-Houzel. **Por que guardar segredo é difícil?** E outras curiosidades da neurociência do cotidiano. São Paulo: Amazon. Ed. Kindle, loc. 107 (com adaptações).

No texto o termo "o" — em "Ela o é por definição" — remete ao elemento

- a) "O que faz com que a memória se torne seletiva".
- b) "o mundo atual".
- c) "a memória".
- d) "seletiva".
- e) "um funil poderoso".

### 2. CESPE - Ag (TCE-PB)/TCE-PB/Documentação/2018

Quando nos referimos(c) à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo(d) a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar(e), deve-se ter em mente o aspecto(a) que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante(a). A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos.

Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas, do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas.

Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga que a escrita e que esta lhe é posterior e, em certo sentido, dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas "letradas", continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

No texto,

- a) o vocábulo “constante” foi empregado para qualificar o termo “aspecto”.
- b) a expressão “sobre a”, nas linhas 7 e 8, tem o sentido de a respeito da.
- c) o trecho “Quando nos referimos” tem o mesmo sentido de Caso nos referimos.
- d) o vocábulo “logo” tem o sentido adverbial de imediatamente.
- e) o termo “lugar” foi empregado para delimitar parte de um espaço ou região.

### 3. CESPE - AJ (STM)/STM/Administrativa/2018

Texto CB1A1AAA

Não sou de choro fácil a não ser quando descubro qualquer coisa muito interessante sobre ácido desoxirribonucleico. Ou quando acho uma carta que fale sobre a descoberta de um novo modelo para a estrutura do ácido desoxirribonucleico, uma carta que termine com “Muito amor, papai”. Francis Crick descobriu o desenho do DNA e escreveu a seu filho só para dizer que “nossa estrutura é muito bonita”. Estrutura, foi o que ele falou. Antes de despedir-se ainda disse: “Quando chegar em casa, vou te mostrar o modelo”. Não esqueça os dois pacotes de leite, passe para comprar pão, guarde o resto do dinheiro para seus caramelos e, quando chegar, eu mostro a você o mecanismo copador básico a partir do qual a vida vem da vida.

Não sou de choro fácil, mas um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e o funcionamento de todos os seres vivos me comove. Cromossomas me animam, ribossomas me espantam. A divisão celular não me deixa dormir, e olha que eu moro bem no meio das montanhas.

De vez em quando vejo passarem os aviões, mas isso nunca acontece de madrugada — a noite se guarda toda para o infinito silêncio.

Acho que uma palavra é muito mais bonita do que uma carabina, mas não sei se vem ao caso. Nenhuma palavra quer ferir outras palavras: nem desoxirribonucleico, nem montanha, nem canção. Todos esses conceitos têm os seus **sinônimos**, veja só, ácido desoxirribonucleico e DNA são exatamente a mesma coisa, e **os** do resto das palavras você acha. É tudo uma questão de amor e prisma, por favor não abra os canhões. Que coisa mais linda esse ácido despenteado, caramba. Olhei com mais atenção o desenho da estrutura e descobri: a raça humana é toda brilho.

Matilde Campilho. Notícias escrivinhadas na beira da estrada. In: Jóquei S. ão Paulo: Editora 34, 2015, p. 26-7 (com adaptações).

Julgue o item, a seguir, com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto CB1A1AAA, no qual a autora Matilde Campilho aborda a descoberta, em 1953, da estrutura da molécula do DNA, correalizada pelos cientistas James Watson e Francis Crick.

O vocábulo “os” remete a “sinônimos”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### 4. CESPE - AJ (STM)/STM/Administrativa/2018

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio sobre a mulher. Há outros casos. (...) Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros. Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que há de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de se supor que quem quer casar deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa- vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição não devem ser desprezadas. Esse obsoleto domínio à **valentona**, do homem sobre a **mulher**, é coisa tão horrorosa que enche de indignação.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a insanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver é um absurdo tão grande como querer impedir que o Sol varie a hora do seu nascimento. Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus.

Lima Barreto. Não as matem. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 83-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do **texto CB1A1BBB**, julgue o item que se segue.

O vocábulo “valentona” foi empregado em referência a “mulher”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### 5. CESPE - AJ (STM)/STM/Apoio Especializado/Revisão de Texto/2018

Texto 6A1AAA

Está demonstrado, portanto, que o revisor errou, que se não errou confundiu, que se não confundiu imaginou, mas venha atirar-lhe a primeira pedra aquele que não tenha errado, confundido ou imaginado nunca. Errar, disse-o quem sabia, é próprio do homem, o que significa, se não é erro tomar as palavras à letra, que não seria verdadeiro homem aquele que não errasse. Porém, esta suprema máxima não pode ser utilizada como desculpa universal que a todos nos absolveria de juízos coxos e opiniões mancas. Quem não sabe deve perguntar, ter essa humildade, e uma precaução tão elementar deveria tê-la sempre presente o revisor, tanto mais que nem sequer precisaria sair de sua casa, do escritório onde agora está trabalhando, pois não faltam aqui os livros que o elucidariam se tivesse

tido a sagesa e prudência de **não acreditar cegamente naquilo que supõe saber**, que **daí** é que vêm os enganos piores, não da ignorância. Nestas ajoujadas estantes, milhares e milhares de páginas esperam a cintilação duma curiosidade inicial ou a firme luz que é sempre a dúvida que busca o seu próprio esclarecimento. Lancemos, enfim, a crédito do revisor ter reunido, ao longo duma vida, tantas e tão diversas fontes de informação, embora um simples olhar nos revele que estão faltando no seu tombo as tecnologias da informática, mas o dinheiro, desgraçadamente, não chega a tudo, e este ofício, é altura de dizê-lo, inclui-se entre os mais mal pagos do orbe. Um dia, mas Alá é maior, qualquer corretor de livros terá ao seu dispor um terminal de computador que o manterá ligado, noite e dia, umbilicalmente, ao banco central de dados, não tendo ele, e nós, mais que desejar que entre esses dados do saber total não se tenha insinuado, como o diabo no convento, o erro tentador.

Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio. Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os costumados dicionários da língua e vocabulários, os

Morais e Aurélio, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

José Saramago. História do cerco de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25-6.

Com relação à variação linguística bem como aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto 6A1AAA, julgue o item.

**O vocábulo aí, na contração “daí”, retoma a ideia expressa no trecho “não acreditar cegamente naquilo que supõe saber”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 6. CESPE - TJ (STM)/STM/Administrativa/"Sem Especialidade"/2018

Texto CB4A1AAA

Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em **tudo**: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas, desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, nos videocliques, videogames e jogos de tabuleiro. A narração, por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.

Uma contagem de palavras na base de dados do Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando.

A expressão disputa de narrativas, que teve um boom dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito à acepção mais literária do termo, como narrativa de um romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA, julgue o item a seguir.

**A autora utiliza o termo “tudo” para se referir a uma ampla quantidade de experiências, objetos e produtos que constituem e(ou) comportam uma sequência articulada de eventos.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 7. CESPE - TJ STJ/STJ/Administrativa/2018

Texto CB4A1AAA

As discussões em torno de questões como “o que é justiça?” ou “quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?” não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de **situações de justiça social** e têm hipóteses concretas para se chegar a esse **estado de coisas**.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, relativo aos sentidos e às ideias do texto CB4A1AAA.

**A expressão “estado de coisas” refere-se a “situações de justiça social” .**

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 8. CESPE - TJ STJ/STJ/Administrativa/2018

Texto CB4A1AAA

As discussões em torno de questões como “o que é justiça?” ou “quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?” não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores

importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de **cada um desses autores** divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de situações de justiça social e **têm** hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

A respeito dos aspectos linguísticos do texto CB4A1AAA, julgue o item.

**O sujeito da forma verbal “têm” está elíptico e retoma “cada um desses autores”**

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 9. CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

### Texto

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela **voz do interlocutor**, que começava a falar chãmente em **outras coisas, que**, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepende-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

Com relação às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto, julgue o item a seguir.

É correto estabelecer a referência do pronome “que” tanto com “voz do interlocutor” quanto com “outras coisas”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### 10. CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

##### Texto

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. **Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava...** E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepende-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue o próximo item.

**No trecho “Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava...”, o elemento “Pois” introduz uma concessão.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

#### 11. CESPE - Ana Port I (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

##### Texto

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a **Dúvida** começava a redesenhar, **reanimando-a**, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto, julgue o próximo item.

**Em “reanimando-a”, o pronome “a” refere-se a “Dúvida”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 12. CESPE - Ass Port (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

É curioso notar que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades. **Isso** porque uma das características das primeiras estruturas urbanas existentes na região do Oriente Próximo foi a presença do porto.

As primeiras cidades, no sentido moderno, surgiram no período compreendido entre 3.100 e 2.900 a.C., na Mesopotâmia, civilização situada às margens dos rios Tigre e Eufrates. A estrutura desses primeiros agrupamentos urbanos era tripartite: a cidade propriamente dita, cercada por muralhas, onde ficavam os principais locais de culto e as células dos futuros palácios reais; uma espécie de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade.

Não se trata, portanto, de uma criação aleatória apenas vinculada à atividade comercial. O porto aparece como mais um elemento de uma forte mudança civilizacional que marcou o contexto do surgimento das cidades e da escrita. O comportamento fundamental dessa mudança localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano, na diversificação dos papéis sociais e na abertura para o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau de complexidade da sociedade.

Cristiano Paixão e Ronaldo C Fleury Trabalho portuário — a modernização dos portos e as relações de trabalho no Brasil São Paulo: Método, 2008, p 17-8 (com adaptações)

Com relação aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

**O pronome “Isso” retoma toda a ideia expressa no primeiro período do texto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Texto para a questão 13**

Imagine uma operação de busca na selva. Sem mapas, binóculos ou apoio logístico; somente com um facão. Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective.

O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento. Para ajudar o trabalho dos peritos, existem programas que buscam os arquivos de imagem e vídeo através de sua *hash* ou sua assinatura digital. **Logo nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.**

Para o teste, pegaram um HD com conteúdo já periciado e rodaram o programa. Conseguiram 95% de acerto em 12 minutos. Seu diferencial era não só buscar pela assinatura digital ou nomes conhecidos, mas também por novos arquivos por intermédio da leitura dos *pixels* presentes na imagem calibrados a uma paleta de tons de pele. Começava a revolução em termos de investigação criminal de pornografia infantil.

Além da detecção de imagens e vídeos, todo o processo de busca e obtenção de resultados é simultâneo, o que economiza tempo e dinheiro.

A licença de uso do software, que é programado em Java, é gratuita e só é disponibilizada para forças da lei e pesquisas acadêmicas. Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças. Mas, então, por que não deixá-lo disponível para todos? Somente para que não possa ser utilizado para criar formas de burlá-lo, explicam.

Desde seu lançamento, o Nudetective já foi compartilhado com Argentina, Paraguai, Suécia, Áustria, Noruega, Nova Zelândia e Portugal. Ganhou reconhecimento e premiações em congressos forenses no Brasil e no mundo.

Internet: (com adaptações).

**13.CESPE – PF - 2018**

No período em que se insere, o termo “Logo” expressa uma ideia de conclusão

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Texto para as questões 14 a 15****Texto 12A1AAA**

A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.

— Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

— As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. (...) Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, **ele é apenas culpado de uma non distributio medii**, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. **E ambas as coisas**. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence*.

Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. Victor Civita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

#### 14. CESPE – PF - 2018

O pronome “ele”, no trecho “ele é apenas culpado de uma non distributio medii” (R. 51 e 52), refere-se a “o ministro” (R.49).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**15. CESPE – PF - 2018**

Dados os sentidos do sexto parágrafo, é possível supor que, na frase “E ambas as coisas”, no sétimo parágrafo, está elíptico o trecho **ele é** logo após “E”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Texto para as questões 16 a 17**

Popularmente conhecidos como seios aéreos faciais, os seios paranasais começam a se desenvolver precocemente na vida fetal. As funções desses seios não são totalmente compreendidas, mas a grande maioria da literatura anatômica sugere que eles aliviam o crânio e adicionam ressonância à voz.

Entre os principais seios do crânio humano destacam-se os seios maxilar, frontal, esfenoidal e etmoidal. Um considerável interesse na identificação forense de indivíduos tem-se voltado para o estudo do seio frontal. O estudo comparativo de imagens do seio frontal tem valor significativo para o estabelecimento da identificação do indivíduo sob exame.

Como as impressões digitais, os padrões dos seios frontais são únicos para uma pessoa. A identificação comparativa de radiografias do seio frontal é muito segura porque não há duas pessoas com a mesma configuração de seio frontal. Além das radiografias de projeção tradicional normal, a tomografia computadorizada do seio frontal também tem sido usada para essa identificação.

À semelhança do que ocorre com a identificação de indivíduos por meio de suas impressões digitais, a identificação a partir do estudo dos seios frontais pode inviabilizar-se em algumas situações. Há casos, por exemplo, de indivíduos adultos em que essas cavidades não se formam. Além disso, os seios frontais podem ser afetados por traumas e por patologias agudas ou crônicas, como inflamações, displasias endócrinas e osteíte.

*Z. Nateghian et al. Frontal sinus pattern and evaluation of right and left frontal sinus volume according to gender, using multi detector CT scan. In: Journal of Forensic Science & Criminology: vol. 4, issue 4, ISSN: 2348-9804 (tradução livre, com adaptações).*

**16. CESPE – PF - 2018**

A correção gramatical do texto precedente, assim como sua coerência e sua coesão, seriam preservadas se o segundo e o terceiro parágrafos passassem a compor um único parágrafo mediante a união de ambos de uma das seguintes formas: (...) da identificação do indivíduo sob exame, porquanto, como as impressões digitais, (...) ou (...) da identificação do indivíduo sob exame, uma vez que, como as impressões digitais, (...).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**17. CESPE – PF - 2018**

A correção gramatical do texto precedente, assim como sua coerência e sua coesão, seriam preservadas se o terceiro e o quarto parágrafos fossem fundidos em um único parágrafo mediante a introdução, entre eles, da conjunção **Contudo** ou da conjunção **Todavia**, feitas as devidas alterações na pontuação e nas letras maiúsculas e minúsculas.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Texto para as questões 18 e 19**

A natureza jamais vai deixar de nos surpreender. As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton. Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando **compreender o novo**. E, a cada passo **dessa busca** sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte **dessa aventura**, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; **se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual**. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

**Com relação aos sentidos do texto 14A15AAA, julgue os próximos itens.**

**18. CESPE – PF - 2018**

No trecho “se não por intermédio ... intelectual” (R. 20 a 23) as expressões “se não” e “ao menos” poderiam ser substituídas, sem prejuízo para a correção gramatical e os sentidos do texto, por **não só** e **mas também**, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**19. CESPE – PF - 2018**

As expressões “dessa busca sem fim” (R.15) e “dessa aventura” (R. 18 e 19) retomam, por coesão, o mesmo referente: “compreender o novo” (R.15).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Texto para a questão 20**

Como se pode imaginar, não foi o latim clássico, dos grandes escritores romanos e latinos e falado pelas classes romanas mais abastadas, que penetrou na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano. Foi o latim popular, falado pelas tropas invasoras que fez **esse papel**. Essa variante vulgar sobrepôs-se às línguas dos povos dominados e com elas caldeou-se, dando origem aos dialetos que viriam a se chamar genericamente de romances ou romances (do latim romanice, isto é, à moda dos romanos).

No século V d.C., o Império Romano ruiu e os romanos passaram a diferenciar-se cada vez mais, dando origem às chamadas línguas neolatinas ou românicas: francês, provençal, espanhol, português, catalão, romeno, rético, sardo etc.

Séculos mais tarde, Portugal fundou-se como nação, ao mesmo tempo em que o português ganhou seu estatuto de língua, da seguinte forma: enquanto Portugal estabelecia as suas fronteiras no século XIII, o galego-português patenteava-se em forma literária.

Cerca de três séculos depois, Portugal lançou-se em uma expansão de conquistas que, à imagem do que Roma fizera, levou a língua portuguesa a remotas regiões: Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cingapura, Índia e Brasil, para citar uns poucos exemplos em três continentes.

Muito mais tarde, essas colônias tornaram-se independentes — o Brasil no século XIX, as demais no século XX —, mas a língua de comunicação foi mantida e é hoje oficial em oito nações independentes: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Instituto Antônio Houaiss. José Carlos de Azevedo (Coord.). Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 16-7 (com adaptações).

## 20. CESPE – PF - 2018

A expressão “esse papel” refere-se à penetração do latim “na Península Ibérica e nos demais espaços conquistados pelo Império Romano” (R. 3 a 5).

( ) CERTO ( ) ERRADO

### Texto para as questões 21 a 25

#### Texto 13A1AAA

No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa de punição de condenados foi-se extinguindo. Em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal: o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Ficou a suspeita de que tal rito que dava um “fecho” ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes com assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e de admiração.

A punição vai-se tornando a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime, e não mais o abominável teatro.

Sob o nome de crimes e delitos, são sempre julgados corretamente os objetos jurídicos definidos pelo Código. Porém julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de meio ambiente ou de hereditariedade. Punem-se as agressões, mas, por meio delas, as agressividades, as violações e, ao mesmo tempo, as perversões, os assassinatos que são, também, impulsos e desejos. Dir-se-ia que não são eles que são julgados; se são invocados, é para explicar os fatos a serem julgados e determinar até que

ponto a vontade do réu estava envolvida no crime. As sombras que se escondem por trás dos elementos da causa é que são, na realidade, julgadas e punidas.

O juiz de nossos dias — magistrado ou jurado — faz outra coisa, bem diferente de “julgar”. E ele não julga mais sozinho. Ao longo do processo penal, e da execução da pena, prolifera toda uma série de instâncias anexas. Pequenas justiças e juízes paralelos se multiplicaram em torno do julgamento principal: peritos psiquiátricos ou psicológicos, magistrados da aplicação das penas, educadores, funcionários da administração penitenciária fracionam o poder legal de punir. Dir-se-á, **no entanto**, que nenhum deles partilha realmente do direito de julgar; os peritos não **intervêm** antes da sentença para fazer um julgamento, mas para esclarecer a decisão dos juízes. Todo o aparelho que se desenvolveu há anos, em torno da aplicação das penas e de seu ajustamento aos indivíduos, multiplica as instâncias da decisão judiciária, prolongando-a muito além da sentença.

Michel Foucault. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 8-26 (com adaptações).

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto 13A1AAA, julgue os itens a seguir.

**21. CESPE – PF - 2018**

A locução “no entanto” introduz no período uma ideia de conclusão; por isso, sua substituição por **portanto** preservaria a correção gramatical e as relações de sentido originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**22. CESPE – PF - 2018**

A substituição de “Porém” por **Entretanto** manteria a correção gramatical e os sentidos originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**23. CESPE – PF - 2018**

A locução “no entanto” introduz no período uma ideia de conclusão; por isso, sua substituição por **portanto** preservaria a correção gramatical e as relações de sentido originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

**24. CESPE – PF - 2018**

Subentende-se a forma verbal “intervêm” (R.42) logo após o vocábulo “mas” em “mas para esclarecer a decisão dos juízes” (R.43).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**25.CESPE – PF - 2018**

No longo período que finaliza o primeiro parágrafo do texto, as formas verbais no gerúndio relacionam-se, por coesão, ao termo “tal rito” (R.7).

( ) CERTO ( ) ERRADO

**Pavio do destino**

Sérgio Sampaio

1 O bandido e o mocinho  
São os dois do mesmo ninho  
Correm nos estreitos trilhos

4 Lá no morro dos aflitos  
Na Favela do Esqueleto  
São filhos do primo pobre

7 A parcela do silêncio  
Que encobre todos os gritos  
E vão caminhando juntos

10 O mocinho e o bandido  
De revólver de brinquedo  
Porque ainda são meninos

13 Quem viu o pavio aceso do destino?

Com um pouco mais de idade  
E já não são como antes

16 Depois que uma autoridade  
Inventou-lhes um flagrante  
Quanto mais escapa o tempo

19 Dos falsos educandários  
Mais a dor é o documento  
Que os agride e os separa

22 Não são mais dois inocentes  
Não se falam cara a cara  
Quem pode escapar ileso

25 Do medo e do desatino

Quem viu o pavio aceso do destino?

O tempo é pai de tudo  
E surpresa não tem dia  
Pode ser que haja no mundo  
Outra maior ironia

31 O bandido veste a farda  
Da suprema segurança  
O mocinho agora amarga

34 Um bando, uma quadrilha  
São os dois da mesma safra  
Os dois são da mesma ilha

37 Dois meninos pelo avesso  
Dois perdidos Valentinos

Quem viu o pavio aceso do destino?

**26. CESPE – PC/DF - Agente de Polícia – 2013)**

O antecedente a que se referem os termos “lhes” (v.17) e “os” (v.21) é recuperado na primeira estrofe do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

## 27. INÉDITA

### A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo “no code” (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

***“Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres.”.***

No período destacado, a primeira oração expressa em relação à seguinte o valor semântico de:

- a) causa
- b) consequência
- c) finalidade
- d) comparação
- e) conformidade

**Texto para as questões 28 a 30**

A história da clorpromazina (comercializada como Amplitil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em "Blue Dreams" (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

**Hélio Schwartzman**

**28. INÉDITA**

**Assinale a opção cuja reescrita mantém a correção gramatical e preserva o sentido original do seguinte trecho:**

*Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.*

- a) Slater não só mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas explicita os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- b) Embora Slater não esconda os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação, mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes.
- c) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mesmo não escondendo os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- d) Apesar de mostrar o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- e) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, à medida que não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

**29. INÉDITA**

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

É possível identificar entre as duas frases que o compõem uma relação de:

- a) Adição
- b) Explicação
- c) Comparação
- d) Oposição
- e) Conclusão

**30. INÉDITA**

Lendo uma notícia de um jornal, nota-se o seguinte trecho:

*"Muitas são as pessoas que estão se mudando daquela cidade graças à violência que lá tem sido tão frequente."*

Um leitor mais atento julgou incorreto o emprego da expressão "graças a".

Assinale a opção que traz uma justificativa coerente para esse julgamento e uma proposta de correção:

- a) A locução conjuntiva "graças a" não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por "devido a".
- b) A locução conjuntiva "graças a" não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por "em virtude de".
- c) A locução conjuntiva "graças a", embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "devido a".
- d) A locução conjuntiva "graças a", embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "mesmo com".
- e) A locução conjuntiva "graças a" transmite a ideia de consequência exigida na frase. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "devido a".

## Gabarito

|    |   |    |   |    |   |    |   |    |   |
|----|---|----|---|----|---|----|---|----|---|
| 01 | D | 02 | D | 03 | C | 04 | E | 05 | E |
| 06 | C | 07 | C | 08 | E | 09 | C | 10 | E |
| 11 | E | 12 | E | 13 | E | 14 | E | 15 | C |
| 16 | C | 17 | C | 18 | E | 19 | C | 20 | C |
| 21 | E | 22 | C | 23 | E | 24 | C | 25 | E |
| 26 | C | 27 | A | 28 | D | 29 | B | 30 | C |

## Resumo Direcionado

|                          | Relações Textuais | Procedimentos    | Recursos                          |                                  |  |
|--------------------------|-------------------|------------------|-----------------------------------|----------------------------------|--|
| Coesão Textual           | 1. Reiteração     | 1.1 Repetição    | 1.1.1 Repetição propriamente dita |                                  |  |
|                          |                   |                  | 1.1.2 Paráfrase                   |                                  |  |
|                          |                   |                  | 1.1.3 Paralelismo                 |                                  |  |
|                          |                   | 1.2 Substituição | 1.2.1 Substituição Gramatical     | 1.2.1.1 retomada por pronomes    |  |
|                          |                   |                  |                                   | 1.2.1.2 retomada por advérbios   |  |
|                          |                   |                  | 1.2.2 Substituição Lexical        | 1.2.2.1 retomada por sinônimos   |  |
|                          |                   |                  |                                   | 1.2.2.2 retomada por hiperônimos |  |
|                          |                   |                  | 1.2.3 Elipse                      |                                  |  |
|                          |                   | 2. Conexão       | 2.1 Emprego dos Conectivos        | 2.1.1 preposições                |  |
|                          |                   |                  |                                   | 2.1.2 conjunções                 |  |
| 2.1.3 advérbios          |                   |                  |                                   |                                  |  |
| 2.1.4 pronomes relativos |                   |                  |                                   |                                  |  |

**FIM**

**NÃO DESISTA!**

**CONTINUE NA DIREÇÃO CERTA!**